

NOSSOS CLÁSSICOS

UM MODELO DE RESENHA POR CAMILLE VALLAUX

Willian Antunes*

“Toda ciência deve começar por ser uma língua bem feita.”

Camille Vallaux

1

Escrever na GEOgraphia é um prazer. O canto reservado para os trabalhos de História da Geografia nesta revista é sinal de uma sensibilidade e disposição para o exercício de combinar passado e presente e de oferecer novas combinações possíveis entre geografias idas e geografias outras que estão por vir. Ao menos é assim que entendemos a História da Geografia. Outro prazer é poder escrever sobre Camille Vallaux (1870-1945), geógrafo que dedicou seu tempo a pensar sobre seu tempo.

Esta é a segunda vez que a GEOgraphia edita um texto de Vallaux, tradução seguida de comentário, marcando assim a primeira vez que seus textos são traduzidos em língua portuguesa. Isso implica mobilizar documentos inéditos, como a resenha, hoje traduzida, e as cartas que servem de base para este comentário. Hoje, optou-se pela tradução de uma resenha publicada na revista *Mercure de France* (nº589, 34º ano, vol. LXI, 1 de janeiro de 1923), em que Vallaux teve como objetivo apresentar os livros *Princípios de Geografia humana* de Paul Vidal de la Blache, organizado pelo genro deste Emmanuel de

Martonne, *A Terra e a evolução humana*, de Lucien Febvre e *A vida pastoral nos Alpes franceses* de Philippe Arbos.

Este comentário está dividido em quatro eixos: a) pistas sobre a vida de Vallaux em 1923; b) a organização da revista *Mercure de France*; c) o conteúdo da resenha e o porquê de tê-la escrita; d) os motivos que levaram à escolha da tradução deste pequeno texto de Vallaux.

O título dado ao comentário, Um modelo de resenha por Camille Vallaux é, sem dúvida fruto do sentimento que temos ao estudar Vallaux desde nosso tempo. Acreditamos que a resenha tenha, além de um valor exegético, um valor pedagógico que poderá ajudar aqueles que queiram dar um tom íntimo à Geografia em contraponto ao teor público dos que dela fazem uso.

2

Algumas pistas sobre a vida de Vallaux já foram dadas em outro texto, que serviu de comentário ao artigo *As aspirações regionalistas e a Geografia*, também publicado na GEOgraphia¹.

*Doutorando em Geografia na École des Hautes Études en Sciences Sociales. O autor agradece a Gustavo Mota pela contribuição a este texto.
E-mail: willian.antunes@ehess.fr

¹VALLAUX, Camille. *As aspirações regionalistas e a Geografia*. Tradução de Willian

No ano de 1923, Vallaux se encontrava em Paris, morando no 1 rue du Capitaine XVe. Ele já tinha deixado o posto de professor na Escola Naval, em 1913, guardando, no entanto, o cargo de examinador de admissão na mesma escola, cargo que ocuparia até os últimos anos de sua carreira. Dois anos antes, Vallaux tinha acabado de terminar um projeto que lhe custaria quatro anos de trabalho, o livro *A Geografia da História* (1921)², em colaboração com Jean Brunhes.

Conforme suas cartas, a cada ano ele solicitava um mês de afastamento dos liceus Buffon (onde trabalhou de 1913 a 1918) e Janson-de-Sailly (onde trabalhou de 1918 a 1930) para participar e realizar o concurso de entrada e saída na Escola Naval. Esses exames eram longos e, geralmente, o prazo extrapolava as datas solicitadas. Outras solicitações foram feitas, como para sua viagem às ilhas inglesas do Canal da Mancha, à Noruega, ao Marrocos e ao Principado de Mônaco. Em uma das cartas, Vallaux relata que teve problema com suas abstenções: “Tendo em conta as observações que me foram feitas no ano passado pela autoridade acadêmica, respondi ao Ministério da Marinha que eu apenas podia aceitar essa missão se minha ausência fosse reduzida a poucos dias.”³. Além das aulas de Geografia e Filosofia que dava nos liceus citados acima, ele era encarregado também da cadeira de Geografia Econômica na École des Hautes Études Commerciales (HEC), uma carga horária bastante puxada que, provavelmente, seria a causa de algumas reclamações da parte do próprio Vallaux em seus relatórios anuais para o Ministério da Instrução Pública.

Nessa mesma época, ele foi convidado pelo comitê da revista *La vie urbaine*, revista do Instituto de Urbanismo de Paris, organizada por jovens urbanistas. Segundo Boya Wei, historiadora chinesa, Vallaux foi um dos poucos geógrafos a colaborar com Henri Sellier e Marcel Poëte, principalmente escrevendo artigos sobre a reconstrução das cidades devastadas durante a Primeira Grande Guerra bem como na formação dos primeiros doutores em urbanismo do mesmo instituto⁴.

Em manuscrito datado de 1933, Vallaux fez uma lista de publicação de artigos, de livros, das funções e das distinções que serviriam para um concurso. Este manuscrito foi entregue a seu neto François Vallaux que, anos depois, o cederia ao Professor François Carré da Universidade Paris IV que, por sua vez, permitiu que nós o consultássemos. Este documento cai como uma luva em

nosso comentário, vejamos um extrato:

- “ [...] - Cavaleiro da legião de honra, 25 de julho de 1919;
 - Colaborador adjunto da secção de estudos no Conselho de Trabalhos Públicos, 20 de dezembro de 1919;
 - Membro do Comitê francês da União Internacional de Geodésia e de Geofísica, 29 de abril de 1920;
 - Professor de Geografia na Escola dos Altos Estudos Comerciais, 4 de julho de 1920;
 - Membro do conselho diretor da L.M.C, 24 de fevereiro de 1920;
 - Presidente da Comissão de Geografia Humana, do Comitê Nacional de Geografia, 1 março de 1920;
 - Membro do Conselho de Administração da Sociedade de Oceanografia, 1 de abril de 1922;
 - Encarregado de Crônica Geográfica, no *Mercure de France*, 1922;
 - Medalha de ouro Courard Malte-Brun, Sociedade de Geografia de Paris, 18 de maio de 1922;
 Vice-presidente da Sociedade de Oceanografia da França, 1 de abril de 1923;
 - Suplente na Escola Livre de Ciências Políticas, 7 de fevereiro de 1924; [...]”⁵

Constata-se, assim, sua participação ativa em comissões, comitês e sociedades científicas, sua entrada para a equipe de colaboradores da revista *Mercure de France* e, notadamente, seu trabalho junto aos oceanógrafos. Pode-se ver também um pouco dos lugares frequentados, saídas e entradas de instituições. Vale sublinhar que Vallaux era o único a colaborar com os oceanógrafos que reclamavam, por sua vez, que a Oceanografia era um ramo da Geografia, talvez por isso o Instituto de Oceanografia tenha sido construído ao lado do Instituto de Geografia de Paris. Mas isso é outra história.

3

Há três importantes características na *Mercure de France*: a interdisciplinaridade, a curiosidade científica e o engajamento político. Se compararmos as publicações de Vallaux, por exemplo, com suas contribuições aos *Annales de Géographie*, não se encontrará crítica de método à Geografia praticada no circuito oficial da geografia⁶. A título de exemplo, basta observar que enquanto a revista *Mercure de France* circulava seu artigo *Os projetos de ferrovia de ferro no Saara*, em 1924, um debate que o acompanharia por mais de dez anos, sendo ele e Brunhes os únicos geógrafos convidados para debater o tema, a revista *Annales de Géographie* publicava *O Oceano Austral*, em 1926, um artigo eminentemente rígido e sem brecha para crítica de método.

Essas duas revistas configuram dois caminhos tomados pela Geografia no início do século na França: um

Antunes, Rogério Haesbaert e Juliana Nunes Rodrigues. Seguindo do comentário Camille Vallaux: uma figura da Geografia francesa por Willian Antunes. *GEOgraphia*. Seção Nossos Clássicos. Ano. 17 - nº35, Dossiê. Niterói, 2015.

²BRUNHES, Jean e VALLAUX, Camille. *La Géographie de l'Histoire*. Paris: Félix Alcan, 1921.

³Arquivos Nacionais (AN) cota: AJ/16/1559. Carta de Vallaux endereçada ao diretor da Escola Naval, Paris, 14 de maio de 1923.

⁴WEI, Boya. *Dicursive representations of cité-Jardin through hygienism and socialism (1919-1950)*. Dissertação. Paris: EHESS e Praga: Charles University, 2014. p. 52.

⁵Manuscrito de Camille Vallaux. Arquivo privado.

⁶Antunes, W. op cit. (nota 2). p. 198.

inseria a Geografia na cultura da época, enquanto o outro a discutia em termos científicos e universitários. Como já dissemos em outra ocasião, na *Mercure de France* nossa ciência era um saber para todos. Prova disso é seu caderno, *Revue de la Quinzaine*, onde eram publicadas resenhas do que estava sendo editado pelas ciências do homem e da natureza, na filosofia e nas artes. As seções eram tão fluídas que os temas mudavam de número para número. Vejamos alguns desses temas e áreas trabalhados: Literatura, Romances, História, Filosofia, Higiene, Ciência Social, Questões econômicas, Ciência Financeira, Questões Jurídicas, Geografia, Erotismos e Ciências físicas, etc. Vallaux trabalhou escrevendo resenhas (inúmeras) e artigos (sete) de 1922 a 1935. Vale lembrar que as resenhas não podiam ultrapassar cinco páginas.

4

Nesta resenha, hoje editada em português pela GEOgraphia, Vallaux visava apresentar e alinhar três livros *Princípios de Geografia humana* de Vidal de la Blache, *A Terra e a evolução humana* de Lucien Febvre e *A vida pastoral nos Alpes franceses* de Philippe Arbos, respectivamente.

Ele começou pelos mais difíceis, os manuscritos de seu professor, Vidal de la Blache, organizados por Emmanuel de Martonne. Vallaux sublinhou que o título escolhido por Emmanuel de Martonne era infeliz porque “um pouco ambicioso” para com os objetivos do mestre. Certamente, “princípios” teria uma carga muito cristã e dogmática para um conjunto de textos científicos. Outro aspecto destacado foi a divisão da Geografia Humana e Geografia Física que o livro suscitava, o que, segundo Vallaux, o próprio Vidal de la Blache não teria consentido. A imprecisão da ordem e classificação dos manuscritos, também chama atenção, colocando mesmo em questão a unidade do livro. O uso abusivo de expressões “vagas e inconsistentes” como “centro” e “ossificação” e “ventilação de massas” é prova de que Vidal de la Blache não teve tempo de defini-las, tornando difícil a leitura da forma, de sua sequência e do conteúdo.

Algumas advertências foram feitas pelo organizador do livro, Emmanuel de Martonne, que procurou eliminar páginas repetidas, colocar em ordem e “combinar frequentemente redações diferentes sobre o mesmo assunto retrabalhadas em anos diferentes [...]”⁷. Porém, Vallaux pensou que, sem dúvida, era preciso dar pistas de leitura, citações diretas e tecer comentário sobre as incertezas suscitadas por um texto inacabado. Desse

modo, ele escreveu a resenha, preocupado também, provavelmente, com o uso público do nome de seu mestre, Vidal de la Blache.

Ao se ler Vallaux, tem-se a impressão de que o texto que mais representaria seu estilo e o cuidado com a linguagem seria o *Tableau géographique de la France*. No mais, aconselhamos a leitura de sua resenha. Confie nele, afinal, quem melhor conhece o mestre senão seu próprio aluno?

A passagem ao livro de Febvre se dá por um tema bastante especial aos geógrafos da época e aos pesquisadores de sempre: o poder do homem sobre os agentes naturais e vice-versa.

Segundo Vallaux, o autor de *A Terra e a evolução humana* estava bem intencionado ao escrever esse livro em que exporia os métodos da jovem ciência em questão, a Geografia Humana. Vallaux destaca as palavras possibilidades e necessidades o que, segundo ele, seria sinal de uma velha teoria que os geógrafos também viriam a introduzir em seus trabalhos: a Teoria dos meios. Parece que o historiador entendia ‘necessidade’ como sinônimo de dependência e submissão do homem às forças da natureza, daí se daria ênfase aos dois palavras que viriam marcar gerações de geógrafos, “determinismo” e “possibilismo”. Já Vallaux via as necessidades inseridas como uma relação sujeita a variar: “ela dorme, depois acorda, mas nunca se pode considerar como radicalmente extirpada”.

Na obra de Vallaux esse problema aparece, antes de tudo, como uma questão de lógica. Anos antes, em 1908, Vallaux escreveu: “Se é certo que o homem conquistou o mar, é certo também dizer que o mar conquistou o homem [...]”⁸. Essa unidade entre homem e meio, se alarga à medida que o conhecimento sobre o Homem, a Terra e o Universo também se desenvolve, por isso ele vai propor estudos a que chamou “conexões cósmicas”. Diríamos mesmo, que homem, olho e meio formam uma unidade e se transformam, se tocam e se desvanecem. Portanto, nessa questão, não havia impasse para Vallaux, ao menos é assim que sentimos seu espírito e suas letras.

Partindo de seus estudos sobre as dimensões dos mares e resgatando muito do que intuía Vidal de la Blache, Vallaux preferiu estudar outro desafio, os oceanos, pois ele percebia que os geógrafos de sua geração eram bastante continentais e ele queria ser um geógrafo oceânico. Segundo ele, a Geografia avança também em contato com os mistérios⁹, por isso a escolha das dimensões dos mares que, em sua época, eram ainda mais desconhecidas. Daí ele ter a tranquilidade de afirmar que, apesar de todos os avanços tecnológicos, o poder do intelecto humano ainda é menor frente, por exemplo, aos

⁷MARTONNE, Emmanuel de. Avertissement. Em: *Principes de Géographie humaine*. Publiés d'après les manuscrits de l'Auteur par E. de Martonne. 4^e Ed. Paris: Armand Colin, 1948.

⁸VALLAUX, Camille. *La Mer*. Paris: Octave Doin, Editeur, 1908, p. 4.

⁹VALLAUX, Camille. *Géographie*. *Mercure de France*. n°836. 44^e Année. vol. CCXLIII, 15 de abril de 1933. p. 432.

oceanos. Os oceanos representavam também e ainda os limites do imaginário humano na Terra. Enquanto isso, Febvre partia da História, precisamente de Paris, para analisar a potência do homem. Se pegarmos os capítulos XII e XIII da Geografia da História,¹⁰ logo perceberemos que Brunhes e Vallaux discutiam questões territoriais suscitadas pelos tratados de Paz de 1919, enquanto que Febvre não tocava, até mesmo evitava os problemas da época, como aquele que os alemães chamavam “a liberdade dos mares”. Para os primeiros, os tratados de Paz declaravam, já, uma Segunda Guerra. Nessa mesma direção, vai o trabalho do Prof. Guilherme Ribeiro, que mostra a “presença indisfarçável do pensamento político”¹¹ nos textos de Febvre.

Mas o tempo mudou e essa questão também ganharia outros limites. Hoje, o limite do imaginário é outro, é o avesso dos ditos buracos negros, tema este que instigaria com certeza nosso geógrafo. Por isso mesmo, Vallaux se distancia dessa questão de homem e meio para fins de manutenção de uma Ciência, que donos a tinham.

No que concerne ao livro de Philippe Arbos, não entendemos ainda por que Vallaux o colocou aqui, lado a lado com Vidal de la Blache e Febvre.

5

Desse modo, Vallaux já entendia que o problema não era se havia ou não uma Geografia Humana, pois ele mesmo percebia que todo esforço em definir essa ciência servia mais e mais a nutrir um circuito oficial do saber. Ainda em 1923, ele disse: “uma ciência não é simplesmente um saber; uma coleção de fatos. Mesmo se colocados em ordem e cuidadosamente classificados, não têm interesse em si. Nós queremos saber para compreender e para agir”¹². Em outro artigo, dez anos mais tarde, ele se admirou com a dedicação juvenil de Pierre Deffontaines ao apresentar “conquistas” da Geografia Humana: “Pode-se se admirar que, ainda hoje, se dedique vinte e três páginas para definir a ‘Geografia Humana’. A significação desta palavra é tão difícil de entender?”¹³. E, anos mais tarde, ele retornaria aos fundamentos da concepção de ação do homem sobre o meio, no artigo *Dois precursores da Geografia Humana, Volney e Charles Darwin (1938)*¹⁴, onde discutiu e defendeu que esses dois cientistas e viajantes seriam os precursores de tal vertente de observação, identificando assim o núcleo do debate. Esse

¹⁰BRUNHES e VALLAUX, op cit. (nota 3).

¹¹RIBEIRO, Guilherme. Para ler Geografia ou a Geografia segundo Febvre. Terra Livre. São Paulo, Ano 25, vol. 1, Nº32, jan-jun/ 2009. p. 131.

¹²VALLAUX, Camille. La Géographie Humaine est-elle légitime et possible? La Géographie. vol. XXXIX, nº2, fevereiro 1923.

¹³VALLAUX, Camille. Géographie. Mercure de France. nº849, 44° Année, vol. CCXLVII, 1 de novembro de 1933. p. 686.

¹⁴Revue de Synthèse, Junho de 1938.

mesmo artigo serviria de pista e de argumento para Olivier Soubeyran, em seu livro *Imaginaire, Science et Discipline*, que deveria ter suas conclusões mais bem desdobradas e analisadas nos trabalhos de História da Geografia.

Então, fiel a sua intuição e a seu engajamento político, Vallaux se esforçou a definir o meio de acordo com seu tempo. Ao longo dos anos 1920, ele elaborou uma teoria que, na falta de um nome melhor, chamamos Teoria dos quatro meios: o “mar como meio cósmico”, o “mar como meio físico-químico”, o “mar como meio vivo” e o “mar como meio humano”.

Portanto, a resenha em questão é um passo ou tomada de distância daquela discussão que não abria mais a Geografia às áreas afins, mas, ao contrário, a fechava mais nos departamentos e nos laboratórios universitários. Uma vez um método achado, uma vez um método vencido. No outro lado da fronteira, na Itália, o geógrafo Lucio Gambi questionava os erros de lógica dos geógrafos franceses e italianos, e assim se manifestou:

“A realidade não é repartida ou fracionada em disciplina – que são uma construção fundada sobre conceitos convencionais, com fins instrumentais e assim úteis somente em ambientes e condições definidas de tempo em tempo pelos dinâmicos processos da história: e exigem, por consequência, um redimensionamento de sua configuração –; a realidade é construída por fatos, e os fatos se tornam objeto de ciência quando criam problemas.”¹⁵

Era assim que Vallaux entendia a Geografia como ciência.

A Geografia Humana cumpriu, acreditamos, com seu papel: o de criar identidade e dar legitimidade aos geógrafos. Mas, o tempo mudou e para além de um valor exegético, a resenha agora reeditada tem um valor pedagógico e é com esse último aspecto que concluímos este comentário.

6

A Geografia feita por Vallaux é fundada em verdades íntimas. Entendemos por verdades íntimas a frase, o pensamento, a definição e, até mesmo, o erro, todos isentos de censura. Censurar-se é ter medo de dizer aquilo que se quer, ou se acredita, porque pode ou vai colocar em questão o objeto de pesquisa, o método e o posicionamento político de alguém.

A Geografia Íntima é fundada na trajetória dos lugares percorridos por aquele que a escreve. Ela pode partir do berço à Universidade, passando pelos becos das cidades, por nossas favelas também bem como pelos

¹⁵GAMBI, Lucio. Una Geografia per la Storia. Torino: Giulio Einaudi, 1973. p. 75.

banheiros visitados por Maxi Cohen¹⁶. A Geografia Íntima pode combater, por exemplo, a censura porque a força de seu método é a própria vida do autor e de seus lugares.

A resenha de Vallaux serve, portanto, como exemplo de um geógrafo que trilhou um caminho independente, não solitário, percorrendo instituições, não grupos, assumindo seus erros e acertos, nunca silenciando, e sendo sempre colaborador, nunca indiferente. Sua obra e seu engajamento político revelam as conquistas científicas da Geografia e os problemas éticos do seu uso público.

Acreditamos que seu espírito e letra podem ser recombinados com os trabalhos contemporâneos feitos no Brasil. Mas, isso já tem a ver com o que entendemos por esse ramo que se chama História da Geografia. Compreendemos por História da Geografia um saber que procura recombinar passado e presente, ou seja, um saber que sirva para oferecer novas combinações entre as obras de geógrafos mortos e vivos, entre teorias findas e teorias outras que estão por vir. A História da Geografia pode servir para melhor se entender os caminhos percorridos pela Geografia¹⁷. Nossa intuição diz que os pesquisadores em História da Geografia estão aí para mostrar possibilidades, como a Teoria dos quatro meios enunciada acima, servindo quase como conselhos aos geógrafos que trabalham à luz do *savoir-faire*.

Dito isso, apostamos que os trabalhos nessa área possam também ajudar, caso se encontrem problemas de pesquisa que realcem o engajamento político de um geógrafo, a uma formação intelectual dos estudantes de Geografia, dando lugar a trabalhos atentos ao sistema teocrático que está por vir? Portanto, a História da Geografia deve ser entendida como fonte de inspiração, uma sorte de laboratório de recombinação de ideias e trajetórias, isto é, novas possibilidades onde as gerações de geógrafos possam se encontrar.

7

Com os estudos de Vallaux podemos abrir uma brecha dentro da história oficial da Geografia na França e, com isso, colaborar para estudar o avesso da história que nos foi contada. Aí está o valor de Vallaux. Sua resenha, hoje, traduzida na GEOgraphia, é o reflexo de sua personalidade e de sua maneira íntima de fazer ciência. Esta resenha de Vallaux é apenas uma muda de flecha das águas¹⁸, mas que pode ganhar vida muito longe de Paris, pode crescer lá, no entorno de todos, no entorno da Baía de Guanabara.

¹⁶COHEN, Maxi. Photos Maxi Cohen. Marie Claire, nº777, maio 2017. pp. 130 -134.

¹⁷ANTUNES, W. No caminho, Juventude encontra Geografia. Em: Outras fronteiras, novas geografias. JACINTO, Rui e CABERO, Valentín. Iberografias, nº32, Lisboa: Ancora, 2017.

¹⁸Flèche des eaux, flor aquática conhecida pelas suas folhas que lembram flechas.

Gostaríamos de terminar este comentário com um pensamento de Teresa Roseno, filósofa portuguesa, a quem temos muito apreço, não só por nos ter ajudado neste comentário mas, também, pelo carinho que tem para com nossa ciência. Certo dia, depois de uma discussão quase sem fim, ela nos disse algo de que os geógrafos podem gostar: “Meu amigo, descobri o meu melhor heterônimo, Geografia”.

Uma boa leitura!

RESENHA DE CAMILLE VALLAUX (1923)

SOBRE “PRINCÍPIOS DE GEOGRAFIA HUMANA” DE PAUL VIDAL DE LA BLACHE, “A TERRA E A EVOLUÇÃO HUMANA” DE LUCIEN FEBVRE E “A VIDA PASTORIL NOS ALPES FRANCESES”, DE PHILIPPE ARBOS¹⁹

P. Vidal de La Blache: *Principes de géographie humaine*, publicado por E. de Martonne. 327 p. Paris, Colin. – Lucien Febvre: *La Terre et l'évolution humaine, introductio géographique à l'histoire*. Paris, La Renaissance du Livre. – Ph. Arbos: *La Vie pastorale dans les Alpes françaises, étude de géographie humaine*, vol. In-8° de 720 p. Paris, Colin.

Vidal de la Blache, falecido subitamente no dia 5 de abril de 1918, deixou inacabada uma Geografia Humana cujas partes escritas ou quase concluídas¹⁹ foram cuidadosamente reunidas pelo seu genro E. de Martonne sob o título, sem dúvida um pouco ambicioso, de Princípios de Geografia Humana. Esse epíteto deixa supor que Vidal admitia, no fim de sua vida, uma divisão da Geografia em compartimentos separados: coisa nova em sua obra, pois ele sempre a havia considerado, até aí, como uma ciência una e homogênea. “Abusa-se realmente dos adjetivos, escreveu-me ele em 1909. Por que não fazer simplesmente Geografia [géographie tout court]? Retomaremos esta questão”. Deve-se acreditar que há na Geografia moderna uma tendência irresistível à bifurcação, visto que essa tendência havia acabado por triunfar sobre as preferências de Vidal.

Seja como for, temos nos Princípios o testamento do pensamento de Vidal. Mas, esse é um testamento escrito pela metade e bruscamente interrompido por sua morte. Os cuidados do Sr. De Martonne para reconstituí-lo conseguiram apenas um resultado incompleto e provavelmente nem sempre fiel ao último pensamento do mestre, pois o Sr. De Martonne tem sua maneira pessoal de conceber a Geografia, e nada nos prova que ele a concebia como um simples desenvolvimento daquela de Vidal. Igualmente, seria injusto medir o peso real do pensamento de Vidal pelo conteúdo desse último volume. Princípios não estava terminado, estava mesmo longe disso, Vidal ele próprio o julgava assim.

Esse livro é feito como produto de monografias. Entre elas há apenas uma ligação formal e artificial, aquela do índice inicial. Três partes: Repartição dos homens sobre o globo; as Formas de civilização; a Circulação. Mas qual é a conexão entre essas três ordens de fatos? Surgem umas das outras? Relacionam-se a um tronco comum?

¹⁹Vallaux escreve “à peu près complète”, ou seja, quase terminadas ou concluídas, para sublinhar sua dúvida em relação ao acabamento dado aos textos.

Sobre isso, nada se sabe. Na verdade, tal apresentação é dissimuladora. De duas uma: ou Vidal concebia o seu futuro livro de maneira completamente distinta, ou se conformava em estabelecer, entre suas monografias, uma trama de síntese que ignoramos e que ignoraremos para sempre.

Nas partes finalizadas do livro, mesmo sendo disjuntas, encontra-se sempre as qualidades da análise fina e precisa das quais Vidal de la Blache nos legou em outras obras modelos acabados. Ele triunfa particularmente nas descrições, nuançadas e contingentes, que consagra aos gêneros de vida - expressão feliz, feliz por sua indeterminação mesmo, e com a qual ele ficou famoso. E se me fosse necessário assinalar uma preferência, eu indicaria as páginas em que Vidal estuda as regiões e os gêneros de vida do Mediterrâneo. Essas páginas são fundamentais. Elas só poderiam ter sido escritas por um mediterrânico como ele. Ele permaneceu profundamente “enraizado”. Poderia mesmo dizer que, no meu ponto de vista, certas concepções geográficas mestras de Vidal se explicariam por sua origem mediterrânica? Na história do pensamento geográfico, ele permanece sendo o homem do método regional e dos gêneros de vida. Para tais procedimentos – fossem eles de descrição ou de explicação – os pays do Mediterrâneo, com seu mosaico e seus compartimentos de separações frequentemente distintas, davam-lhe exemplos e modelos maravilhosos, fáceis de apreender, fáceis de definir e fáceis de exprimir.

De passagem, pode-se notar várias deficiências: a confusão da unidade terrestre, algo bem real, com uma espécie de organismo terrestre de superfície que é uma concepção puramente mística; o abuso de expressões vagas, inconsistentes, como núcleos, relações, pontos de ossificação e ventilação de massas; o limite de aglomeração dado na Rússia como limite da civilização europeia, algo muito surpreendente; as relações de causa e efeito estabelecidas entre o escoamento das chuvas e os tetos muito elevados... Mas seria de mau gosto insistir nessas deficiências crepusculares de um grande espírito.

Em síntese, esse último livro não diminui em nada a glória de Vidal. Mas também não acrescenta nada. Aqueles que querem conhecer o verdadeiro Vidal irão

sempre retomar com prazer o admirável Tableau de la Geografia de la France.

No entanto, no livro póstumo de Vidal, eu me ative à última página, realmente a última, essa página singularmente vigorosa em que o autor, que havia protestado ao longo do livro, em termos discretos, contra a ideia hoje bastante difundida da onipotência do homem sobre os agentes naturais, retorna a essa ideia, precisamente no que tange ao esforço do homem no domínio do Oceano: "Ficamos ainda perplexos, diz Vidal, do pouco que representa na realidade esse esforço humano, tão notáveis que sejam nessa matéria os resultados geográficos." Eis aí uma assertiva que não agradou muito ao Sr. Lucien Febvre, autor de *A Terra e a Evolução Humana*, apesar dos justificáveis elogios que ele concede a Vidal. Pois uma das ideias de base do Sr. Lucien Febvre é precisamente aquela de uma espécie de onipotência dos homens, frente aos quais os meios e os agentes naturais apenas formam uma série de contingências e de possibilidades eminentemente flexíveis e variáveis, ao mesmo tempo no espaço e no tempo.

Tomemos esta palavra possibilidades que é fundamental no livro de Febvre.

O objeto desse livro não é construtivo. Ele é crítico, e unicamente crítico. O autor diz desde o início, e repete no final. Não se pode censurá-lo, nem de não ter sabido o que queria, nem de não ter feito o que queria. O que o autor quer é examinar os títulos desta nova disciplina, jovem e ambiciosa, que se chama Geografia Humana, e ele o faz, ao longo de 470 páginas, com a severidade de um juiz de instrução²⁰, - ou antes com a severidade de um procurador com dificuldades de acusação.

Lucien Febvre assegura várias vezes que é, afinal, simpático à nova ciência. Essa simpatia é bem real, estou convencido. Mas ela se exprime de uma maneira um pouco particular. De tal maneira que o leitor não advertido será levado a crer que o autor quis destruir a carreira da Geografia Humana. Realmente, falando assim, acredito colocar-me acima de meus preconceitos de especialista. Pelo menos, eu tento...

Sem dúvida, no início do livro, Febvre assume a defesa dos geógrafos contra os sociólogos. E o faz em muito bons termos. Mas, em seguida, são os geógrafos que, como se diz, recebem as pancadas. E isso abundantemente, até o fim, em torno de 350 páginas. E que páginas! Nutridas por uma documentação sólida e feitas de uma armadura lógica e crítica de tal forma blindada que é difícil encontrar uma brecha. Afirmo aos geógrafos que, mesmo suportando o custo de toda essa dialética, terão proveito e prazer ao ler esse livro de um historiador. Terão tanto mais prazer à medida que verão,

preconizados e justificados, numerosos pontos de vista que lhes são caros.

Febvre ataca velhas teorias que não são geográficas e que os geógrafos nunca defenderam, ao menos que se concorde com Bodin, Montesquieu e Dubos e sua confraria. Assim, a ação do clima sobre o caráter dos povos é uma velha lengalenga, bem o sabemos.

Os quadros naturais são climático-botânicos, afirma Febvre. Sem dúvida. Mas quem disse isso? Os geógrafos.

As divisões em montanhas, planícies e planaltos são grosseiras e imprecisas. Elas não podem servir para caracterizar uniformemente tipos humanos. Nada de mais verdadeiro. Mas quem imaginou esses tipos humanos uniformes? Não foram os geógrafos, é claro, fiéis registradores, em todas as coisas, do acidente.

Lucien Febvre critica a noção de insularidade em Geografia humana que, segundo ele, é contraditória. Quem, então, foi o primeiro a afirmar e provar? Um geógrafo, o autor do livro *O Mar* (1908)²¹, nas páginas 114-116.

O nomadismo não é o resultado das condições geográficas, mas da insegurança. Totalmente exato: os autores da *Geografia da História* (1921) o disseram antes de Lucien Febvre (ver p. 248-250)²².

Poderíamos multiplicar os exemplos. O trabalho de explicação codificado por Lucien Febvre é antes de tudo trabalho de geógrafos. Surpreende um pouco que o autor de *A Terra e a Evolução humana* pareça querer tirar partido, contra aqueles, de uma série de aquisições científicas que se devem aos próprios geógrafos, e apenas a eles.

Toda questão de forma colocada à parte, os geógrafos poderão se felicitar da adesão dada por um crítico tão vigoroso como L. Febvre a seus trabalhos e aos métodos de seus trabalhos.

Eles discordarão dele apenas em dois pontos, mas dois pontos importantes.

Para Febvre, não há necessidades em Geografia humana, mas apenas possibilidades. Febvre concebe as necessidades como alguma coisa de mecânico e de rígido: essas palavras reaparecem sem cessar em sua escrita. Mas não é assim que concebemos. Acreditamos nas necessidades geográficas numa espécie de eclipse: sua ação está sujeita a variações; elas adormecem, depois despertam, mas nunca poderemos considerá-las como radicalmente extirpadas. O próprio Febvre adere a essa concepção: "As possibilidades são permanentes, sem dúvida, continua ele, mas elas não atuam em permanência e todas ao mesmo tempo" (p. 216). Para nós, possibilidades permanentes, são necessidades. E isso é válido, sobretudo, para as necessidades de limitação dadas pelos grandes quadros naturais de que o próprio

²¹Vallaux, C. *La Mer*. Paris: Octave Doin, Editeur, 1908.

²²Brunhes, J. e Vallaux, C. *La Géographie de l'Histoire*. Paris: Félix Alcan, 1921. Versão em espanhol: Brunhes, Juan y Vallaux, Camilo. *Geografía de la Historia*. Madrid: Daniel Jorro, Editor, 1928.

²⁰"Juge d'instruction", isto é, juiz que se ocupa de inquéritos judiciais. Lembra também a imagem dos funcionários do Ministério de Instrução Pública que eram enviados às escolas e liceus para inspecionar os professores.

Lucien Febvre reconhece a existência.

Outro ponto. Febvre desconfia das ideias gerais. Ele aconselha aos geógrafos de se aterem estritamente às monografias e aos estudos de detalhe. Não podemos adotar essa maneira de ver. Primeiro, estamos persuadidos que a ciência avança tanto pelas visões gerais, mesmo apressadamente concebidas, quanto pelos estudos moleculares: tal era formalmente a opinião de Edmond Perrier, autor do primeiro volume da coleção onde apareceu o livro de Febvre. Em seguida, se nos contentarmos de acumular as monografias sem ligação, elas formarão em breve uma tal massa, que ninguém poderá fazer delas uma síntese. Afinal, para que serve esse esforço? Não somente as sínteses provisórias são úteis, como são indispensáveis. Elas não são produtos de uma espécie de preguiça de espírito, elas supõem, ao contrário, o emprego intensivo de dons mais elevados do espírito.

O volumoso livro de Ph. Arbos, *A vida pastoral nos Alpes franceses*, entra seguramente, pela sua construção e por seu plano geral, na fórmula de Lucien Febvre. Trata-se de uma monografia muito completa, mesmo que o autor pretenda modestamente o contrário. Mas é também um livro onde não faltam as ideias gerais, e algumas são interessantes e novas.

Ph. Arbos é um geógrafo muito prudente, como quase todos os geógrafos que receberam as lições de contingência de Vidal antes de receber aquelas de Febvre. Ele não pretende que os Alpes sejam predestinados infalivelmente a uma preponderância exclusiva da vida pastoril. Ele constata simplesmente que essa vida, com suas formas históricas sucessivas, variáveis, e sem dúvida sujeitas também a variar, é aquela à qual se adaptaram melhor os grupos humanos dos Alpes; há forte probabilidade de que ocorra o mesmo no futuro, apesar das ferrovias, do turismo e da indústria hidrelétrica.

Arbos é otimista. A evolução da pecuária no século XIX substituiu em muitos pontos os bois pelos carneiros e enriqueceu desse modo o pays. O recuo dos cultivos e o despovoamento humano da montanha reconstituem as encostas com relvas, matagais e florestas, antes ameaçadas pelo pastoreio e a lavra muito intensos. Sem dúvida o despovoamento excessivo, proveniente seja da emigração, seja da extinção *in loco* do povo das montanhas, seria um grande mal. Mas, em 1914, o despovoamento parecia diminuir. Então ocorreu um fato novo, imprevisto e terrível, a guerra, que dizimou os montanhesees alpinos talvez mais do que qualquer outra categoria de rurais...

É visível que somente a guerra impede Arbos de adotar as conclusões que teriam sido aquelas do doutor Pangloss²³. Quanto a mim, confesso, por ter visto de perto

²³Dr. Pangloss é um personagem do conto filosófico « *Candide ou l'Optimisme* », de Voltaire (1759). Pangloss é o preceptor de Cândido e, inspirado em Leibniz, ensina-lhe que « vivemos no melhor dos mundos ».

uma das regiões pastoris alpestres, o Dévoluy, tendo mais para o estado de espírito do filósofo Martin.

Camille Vallaux